http://journal.unoeste.br/index.php/ch
DOI: 10.5747/ch.2020.v17.h495
ISSN on-line 1809-8207

Colloquium Humanarum

Submetido: 18/08/2020 Correções: 21/10/2020 Aceite Final: 24/10/2020

A AFETIVIDADE NAS RELAÇÕES ENTRE PROFESSORAS E COORDENADORA EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL DA CIDADE DE SÃO PAULO

Rafaele Paulazini Majela dos Santos[1], Ligia de Carvalho Abões Vercelli[2]

[1]Mestra em Educação pela Universidade Nove de Julho - UNINOVE. Professora de Educação Infantil na Rede Municipal de São Paulo. **ORCID iD:** https://orcid.org/0000-0001-6125-3173 **E-mail:** rafaelepaulazini@gmail.com
[2]Doutora em educação pela Universidade Nove De Julho - UNINOVE, Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (Progepe) na Universidade Nove de Julho – UNINOVE, São Paulo. **ORCID iD:** https://orcid.org/0000-0002-1381-464X **E-mail:** vercelli.ligia@gmail.com

RESUMO
As perguntas que orientaram o estudo foram: Como as professoras de Educação Infantil percebem a afetividade? Como a afetividade se apresenta nas relações cotidianas entre docentes e coordenadora da área de Educação em um Centro de Educação Infantil? O trabalho teve por objetivo mapear como a afetividade, nas relações entre professoras e coordenadora, ocorre em um CEI da rede pública, localizado na cidade de São Paulo. Os sujeitos da pesquisa foram cinco professoras e uma coordenadora. A metodologia utilizada foi de cunho qualitativo, e os instrumentos de coleta de dados foram a observação nos diferentes espaços do CEI e as entrevistas semiestruturadas com as professoras e com uma coordenadora. Os resultados apontam que a afetividade, no CEI estudado, é pouco reconhecida nas relações interpessoais do grupo gestor da escola, fato este que traz implicações no desenvolvimento do trabalho conjunto da unidade escolar. Segundo as professoras entrevistadas, a coordenação pedagógica funciona como um suporte para todo o trabalho desenvolvido no CEI; por essa razão, elas enfatizam a importância do profissional que assume esse papel.
Palavras-chave: Afetividade. Centro de Educação Infantil. Relações Interpessoais.

AFFECTIVITY IN THE RELATIONSHIP BETWEEN TEACHERS AND THE COORDINATOR IN A CHILD EDUCATION CENTER IN SÃO PAULO CITY

ABSTRACT
The questions that guided the study were: How do Early Childhood Education teachers notice affectivity? How does affectivity occur in everyday relationship between teachers and the coordinator at a Child Education Center? The objective of this paper was to map how affectivity, in the relationship between teachers and the coordinator, occurs in a public CEC, in São Paulo city. The research subjects were five teachers and one coordinator. The methodology used in this study involved a qualitative approach. Data-collection instruments consisted of observation in the CEC premises and semi-structured interviews with the teachers and the coordinator. The results show that affectivity, in the studied CEC, is little recognized in the relationships between the teachers and the coordinator, a fact that has implications for the development of the joint work of the school unit. According to the interviewed teachers, the pedagogical coordination is a support for all the work developed at the CEC and, therefore, they emphasize the importance of the professional who assumes this role.
Keywords: Affectivity. Child Education Center. Interpersonal Relations

AFECTO EM LAS RELACIONES ENTRE DOCENTES Y COORDINADORA DE UN CENTRO DE EDUCACIÓN INFANTIL EM SÃO PAULO

RESUMEN
Las preguntas que guiaron el estudio fueron: ¿Cómo perciben la afectividad los docentes de Educación Infantil? ¿Cómo aparece la afectividad en las relaciones cotidianas entre docentes y el coordinador del área

de Educación de un Centro de Educación Infantil? El trabajo tuvo como objetivo mapear cómo la afectividad, en las relaciones entre docentes y coordinador, ocurre en una escuela pública CEI, ubicada en la ciudad de São Paulo. Los sujetos de investigación fueron cinco profesores y un coordinador. La metodología utilizada fue de carácter cualitativo, y los instrumentos de recolección de datos fueron la observación en los diferentes espacios del CEI y entrevistas semiestructuradas con docentes y un coordinador. Los resultados muestran que el afecto, en el CEI estudiado, es poco reconocido en las relaciones interpersonales del grupo de dirección escolar, hecho que tiene implicaciones para el desarrollo del trabajo conjunto de la unidad escolar. Según los docentes entrevistados, la coordinación pedagógica funciona como soporte de todo el trabajo que se desarrolla en el CEI; por ello, enfatizan la importancia del profesional que asume este rol.
Palabras-clave: Afectividad. Centro de Educación Infantil. Relaciones interpersonales.

INTRODUÇÃO

> Só aprendemos e ensinamos por amor ou por ódio, nunca na indiferença (...). Somos geneticamente amorosos. Aprendemos, conhecemos por amor ou por ódio, construindo vínculo (FREIRE, 2014, p. 25).

Este artigo é fruto da dissertação de mestrado realizada pelas autoras e defendida no ano de 2019. Tal dissertação teve por objetivo mapear como a afetividade, nas relações entre professoras e coordenadora pedagógica, ocorre em um CEI da rede pública, localizado na cidade de São Paulo.

O ser humano, complexo e incompleto, foi, durante muito tempo, categorizado como um ser dividido entre razão e emoção, como se verifica na máxima cartesiana: "Penso, logo existo", que privilegia a razão em detrimento da emoção. Essa ideia foi incorporada ao contexto histórico-educacional, na crença de que os aspectos cognitivos prevaleceriam sobre os aspectos emocionais e afetivos, difundindo pedagogias que dicotomizavam a dimensão cognitiva da afetiva no processo de aprendizagem.

Essas pedagogias racionalistas que caracterizam a aprendizagem como produto exclusivo da inteligência formal, desconsiderando a afetividade, vêm aos poucos sendo revistas. Pois, se as primeiras reações dos recém-nascidos são de natureza emocional, e a aprendizagem ocorre entre o sujeito e o objeto mediado pela troca e pelo ambiente, como é possível conceber um sujeito dicotomizando-o em dimensões que se complementam?

A palavra afeto origina-se do latim *affectus*, cujo significado é "estar inclinado a". Vem da raiz *afficere*, que significa "influir sobre, fazer algo a alguém". Trata-se de um conceito abstrato que envolve as relações interpessoais e pode contribuir com o processo ensino-aprendizagem.

Partindo de discussões e estudos no âmbito educacional, em alguns níveis da educação, Freire buscou, por meios distintos, entender a complexidade da constituição da emoção do ser humano e a afetividade na prática pedagógica. Com isto, em suas obras, fomentou discussões pedagógicas que conceberam a impossibilidade da dicotomia entre as dimensões afetiva e cognitiva no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Pensar na constituição global do ser é voltar-se para as instituições escolares, principalmente as que atendem bebês[1] e crianças bem pequenas[2], para desconstruir o pressuposto cartesiano. É repensar o planejamento pedagógico, os espaços de interação e reflexão entre todos os envolvidos no processo educacional. É reconhecer as potencialidades de cada um e construir um trabalho coletivo, fazendo valer a afetividade.

É um exercício diário lidar com o diferente, com a diversidade de gostos, jeitos e opiniões, transformando cada reunião pedagógica, cada encontro entre professoras e coordenadora em um espaço de trocas de experiências, aprendizado, sabendo que o conflito, a divergência e os sentimentos diversos são parte do ser humano e integrantes da afetividade. Utilizaremos os termos *professoras* e *coordenadoras* durante todo o texto porque o

[1] Segundo a última versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada no mês de abril de 2018, o termo *bebê* compreende a faixa etária de zero a 1 ano e 6 meses.

[2] Segundo a última versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovada no mês de abril de 2018, o termo *crianças bem pequenas* compreende a faixa etária de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses.

corpo docente do CEI estudado é composto por mulheres.

Entendemos que ações transformadoras, dentro de uma unidade educacional, envolvem fatores como os determinantes sociais, políticos, econômicos e ideológicos, que devem ser considerados ao analisarmos as práticas realizadas, assim como as contradições e conflitos que ocorrem nas discussões. É na parceria entre professoras e coordenadora pedagógica que os conflitos podem ser minimizados e direcionados às tomadas de decisões efetivas, construtivas e voltadas para um planejamento na direção da mudança e transformação.

Para tanto, caberá à coordenadora pedagógica exercer o papel de articuladora de ideias e ações dentro desse processo, mobilizando, assim, uma construção de práticas e saberes no coletivo de maneira harmoniosa, valendo-se da afetividade, do aprimoramento do diálogo, da escuta e da fala dos participantes.

Como parte integrante da pesquisa, foi realizada uma busca nas plataformas do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no *Scientific Eletronic Library Online* (Scielo), no período de 2010 a 2017, somente na área da educação. Para tanto, utilizamos os seguintes descritores em conjunto: afetividade e educação infantil; afetividade na educação infantil e coordenador pedagógico. Nessa busca foram encontrados dois trabalhos de mestrado, defendidos, respectivamente, nos anos de 2014 e 2016, ambos na Universidade Federal de Santa Maria, a saber: O diálogo e a afetividade no contexto da educação infantil: As “pessoas grandes” dizendo a sua palavra, de Juliana Goelzer, defendido na Universidade Federal de Santa Maria; Vínculos afetivos na educação infantil: desafios na auto(trans)formação permanente de professores**,** autoria de Carolina Zasso Pigatto.

A relevância científica de nossa pesquisa encontra-se justamente no fato de haver poucos estudos que discutem as relações afetivas entre profissionais da educação, assim, nosso objetivo foi objetivo mapear como a afetividade, nas relações entre professoras e coordenadora, ocorre em um CEI da rede pública, localizado na cidade de São Paulo.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

A metodologia utilizada neste trabalho foi de cunho qualitativo, a qual, segundo Lüdke e André (2014), ocorre em ambiente natural, sendo este a fonte direta de dados, em que o principal instrumento é o pesquisador. O processo de estudo é mais importante que o produto. Os dados coletados são descritivos e ricos em descrições de pessoas, situações e acontecimentos, incluindo transcrições de entrevistas e/ou vários tipos de documentos. Todos os dados da realidade são importantes, e o pesquisador precisa atentar para as situações, observando como o problema se manifesta nas atividades.

Os estudos qualitativos ainda consideram os diferentes pontos de vista dos participantes, o que permite contemplar o dinamismo interno das situações, diferente do observador externo.

Quanto aos instrumentos de coleta de dados, utilizamos a observação, a entrevista semiestruturada e a roda de conversa na perspectiva do círculo de cultura de Paulo Freire. Dentre as variações no método de observação, recorrermos à observação participante, que, segundo Lüdke e André (2014), permite que o observador se aproxime das perspectivas dos sujeitos, tentando apreender sua visão de mundo, estratégia útil para encontrar novos aspectos de um problema. A entrevista, por sua vez, é uma das principais técnicas de trabalho dentro das ciências sociais, sua característica é a interação, pois o entrevistado não sofre imposições do pesquisador-entrevistador e pode discorrer de maneira mais livre sobre o fato em questão.

Com relação ao conteúdo das observações, o foco do estudo esteve nas relações cotidianas entre os sujeitos, considerando a descrição dos sujeitos, dos diálogos, descrição dos locais, descrição de eventos especiais, das atividades. Para tanto, utilizamos os documentos disponíveis na unidade como o Projeto Político-Pedagógico (PPP), os registros do Projeto Especial de Ação (PEA) e registros pedagógicos utilizados e disponibilizados pela coordenadora entrevistada, aferindo, assim, se a afetividade é contemplada na relação entre a coordenadora e as professoras. Lüdke e André (2014) lembram que a parte reflexiva das anotações pode incluir as observações pessoais do observador, realizada durante a coleta de dados, sejam elas analíticas,

metodológicas, dilemas éticos e conflitos, sejam mudanças na perspectiva do observador. Essas diretrizes podem orientar o pesquisador na seleção de dados.

Em uma pesquisa qualitativa, a entrevista é um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Tem caráter interativo, sem estrutura rígida de questões, o que contribui para uma atmosfera de influência recíproca entre o entrevistador e o entrevistado. "O entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica" (LÜDKE; ANDRÉ, 2014, p. 34).

De acordo com as autoras, em todo tipo de entrevista deve-se estar atento ao respeito ao entrevistado no tocante às datas e aos horários pré-agendados, também à cultura e aos valores do entrevistado. Ao entrevistador caberá a capacidade de ouvir atentamente e manter o fluxo natural das informações apresentadas pelo entrevistado.

A fim de analisar o conteúdo das observações e das entrevistas, recorremos à análise de conteúdo que, segundo Bardin (2009), é um método que propõe analisar o que é explícito no texto, delimitando, assim, indicadores que permitam fazer inferências. Como na pesquisa utilizamos a abordagem qualitativa, com esta técnica, depois de ler e analisar as entrevistas, iniciamos o processo de decodificar, agregar e classificar trechos da entrevista transcrita em forma de tabela.

Participaram da pesquisa cinco professoras e uma coordenadora pedagógica que definiram suas identidades em categorias relacionadas à afetividade contidas na obra *Pedagogia da autonomia:* saberes necessários à prática educativa*,* de Paulo Freire (2017a), a saber: Solidariedade, Respeito, Generosidade, Alegria, Esperança e Liberdade.

A coordenadora Liberdade concordou com a realização da pesquisa, com a utilização dos registros de PEA e também de suas devolutivas dos semanários, desde que mantivéssemos os nomes da unidade e dos participantes em sigilo. As entrevistas, realizadas no mês de maio de 2018, foram organizadas em dois momentos, primeiro com as professoras, depois com a coordenadora.

Em dezembro de 2017, a coordenadora Liberdade foi escolhida para integrar o grupo do CEI. Com a observação no PEA, podemos entender que essa profissional tem grande senso estético e acolhedor, pois sempre recebeu e acolheu as professoras de maneira agradável, nas falas, nos gestos e em suas propostas, diversificando a sua abordagem com momentos de leitura e discussão de textos, dinâmicas, oficinas, palestras, filmes, *slides*. Com as discussões e intervenções feitas nesses momentos, a coordenadora também ouviu a fala das professoras, pois nas reuniões de segmentos algumas docentes pediram essa variação de atividades.

Ao observar os documentos da escola, tais como registros do PEA e devolutivas dos semanários da coordenadora Liberdade, compreendemos que sua prática condiz com sua fala, pautada no respeito ao trabalho das professoras e seu momento de construção subjetiva. Foram observados três registros de salas distintas: o primeiro de uma sala de berçário II, com três professoras dividindo o mesmo espaço e os outros do Minigrupo I, com duas professoras na mesma turma.

RESULTADO E DISCUSSÃO

A obra de Paulo Freire é permeada de categorias relacionadas à afetividade, entre elas a amorosidade e o diálogo, sempre considerando que elas devem estar presentes em tudo o que fazemos, pois nos impulsionam a ter coragem de lutar. "A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem" (FREIRE, 1967, p. 97).

Para o autor, a amorosidade é uma qualidade essencial ao trabalho pedagógico, qualidade que não se restringe ao relacionamento entre professoras e crianças, mas que perpassa todo o fazer pedagógico e sem a qual o trabalho perde o significado. O amor é o fundamento do diálogo, que une sujeitos responsáveis e inexiste numa relação de dominação, pois nesta haveria um amor patológico: sadismo no dominador, masoquismo no dominado. O amor é um ato de valor, não de medo.

Para Freire, a prática educativa,

> [...] é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes e adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de

> conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade para o seu fracasso. Mas, podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão-se tornando presenças marcantes no mundo (FREIRE, 2015, p. 47- 48).

O autor pernambucano salienta que "ser tolerante não é ser conivente com o intolerável, não é acobertar o desrespeito, não é amaciar o agressor, disfarçá-lo. A tolerância é a virtude que nos ensina a conviver com o diferente. A aprender com o diferente, a respeitar o diferente" (FREIRE, 2015, p. 126). É dever de todos nas relações com os outros.

E é na relação com o outro que se dão as relações humanas, na sua construção e reconstrução histórica e social. Essas relações devem ser edificadas pensando na capacidade de ouvir, refletir e discutir, considerando o nível de compreensão do outro. Nesse sentido, "[...] o espaço da classe que acolhe os medos, os receios, as ilusões, os desejos, os sonhos de professoras e de educandos deve constituir-se em objeto de "leitura" de professora e de educandos [...]" (FREIRE, 2015, p. 169-170).

Mas, para isso, o espaço educacional deve ser de diálogo. Contrapondo a educação bancária, pensando a educação na concepção libertadora, deve-se compreender a diferença entre autoridade e autoritarismo. A autoridade também é essencial na relação entre pessoas. Esses elementos caracterizam a natureza humana e são próprios da vocação do ser mais evidenciado pelo autor. Ele ressalta que "[...] somente nas práticas em que a autoridade e a liberdade afirmam e se preservam enquanto elas mesmas, portanto no respeito mútuo, é que se pode falar de práticas disciplinadas, como também em práticas favoráveis à vocação para o Ser Mais (FREIRE, 2017a, p. 86).

Quando pensamos na relação professora/coordenadora, entendemos que a autoridade também se faz necessária, mas que essa seja caracterizada como "Ser Mais", que priorize o diálogo e o respeito aos sujeitos que se relacionam. A conscientização que se dá pelo diálogo, pelo coletivo, pela vivência, pela aceitação do outro, pela humildade, pela amorosidade deve ser a base das relações humanas.

Para o autor, as possíveis dificuldades encontradas na prática pedagógica seriam minimizadas se os agentes da escola levassem em consideração a cultura de cada envolvido no processo educacional, sua linguagem, seu modo de expressar o aprendido e seu saber fragmentado sobre o mundo. E se, nesta comunicação entre os sujeitos, o diálogo fosse elemento fundante da colaboração, pois "o diálogo não impõe, não maneja, não domestica, não *sloganiza*" (FREIRE, 2017b, p. 228).

> Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não, porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico. Como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor. Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido. Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo. Não há,

> por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante. O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade (FREIRE, 2017b, p. 110-111).

Porém, não há como transformar e transcender sem conflitos. Estes devem ser bem conduzidos ao considerar a subjetividade dos sujeitos em sua construção política, econômica, cultural e social. "O conflito parteja a nossa consciência. Negá-lo é desconhecer os mais mínimos pormenores da experiência vital e social" (FREIRE, 2015, p. 133).

Freire (2017a) declara que a afetividade não o assusta e que não tem medo de expressá-la. Não separa seriedade docente de afetividade. Deixa claro que a severidade não torna ninguém melhor e aponta que a alegria não é inimiga da seriedade docente.

> É preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje [...] (FREIRE, 2017a, p. 142-43).

Diante do exposto, entendemos que a relação entre professoras e coordenadora pedagógica deve ser de respeito e diálogo, e que, nela, o conflito é um meio, é o movimento realizado em direção às consciências. E nesse movimento, a afetividade é a condição humana que abarca o diálogo e o conflito.

Em sua devolutiva, a coordenadora inicia elogiando e agradecendo as professoras:

> Primeiramente, obrigada por compartilharem comigo a prática pedagógica de vocês. Vocês são um trio e tanto trabalhando juntas. Compartilhem os domínios que possuem entre as linguagens e explorem isso! Observei que vocês ofereceram tecidos para as crianças explorarem. Essa experiência sensorial é bem interessante. Quero propor outras explorações táteis, com diferentes materiais. Por exemplo, poderiam levar para a sala o celofane e propor uma exploração como olhar através dele, amassar, jogar para o alto, transformá-lo em algo como cobertor etc., em outro dia levar papel crepom, plástico bolha. Quero indicar três *sites* que têm sugestões de vivências e propostas bem interessantes. Qualquer coisa que precisarem estou aqui (COORDENADORA LIBERDADE).

Aqui, a coordenadora elogia o trabalho de uma professora e destaca o que é mais significante no que diz respeito às crianças.

> Destaco o protagonismo das crianças, com as exposições que você faz com as produções delas, sempre de maneira apropriada, na altura delas, propondo a integração com as outras salas. Continue investindo na estruturação das sequências didáticas. Qualquer coisa estou aqui. Considero assertiva a ideia de explorar diferentes linguagens e espaços da escola, continue nesse caminho. Peça ajuda no que achar necessário (COORDENADORA LIBERDADE).

Nos registros de outras turmas de Minigrupo I, a coordenadora novamente ressalta pontos positivos, como a liberdade que essa mesma professora oferece às crianças, permitindo o seu protagonismo, e a exposição dos trabalhos para as outras turmas, pois foram trabalhos expostos nos corredores do primeiro pavimento do CEI, e as outras turmas puderam interagir com as instalações e os trabalhos. Também destaca, por orientação do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI, 1998), a utilização das diferentes linguagens.

Em todos os registros analisados, a coordenadora Liberdade sempre finaliza com uma sugestão de atividade, agradece a oportunidade de poder participar do processo pedagógico das professoras e se coloca à disposição para conversar.

Para estruturar melhor a análise das entrevistas semiestruturadas, elencamos algumas categorias e subcategorias, seguindo o modelo de Bardin (2009), que foram pontuais nas falas das professoras e da coordenadora: 1. Afetividade: A percepção das professoras e coordenadora; 2. Relações cotidianas no CEI entre professoras e coordenadoras; 3. Diálogo: Articulação na busca das necessidades das professoras.

Quanto à primeira categoria, foi possível aferir que as professoras percebem a afetividade, somente em seu aspecto positivo, atribuindo às relações as seguintes palavras: afeto, cuidado, carinho, emoções, sentimentos. Não revelaram aspectos negativos no significado dessa categoria, o que nos leva a inferir que, provavelmente, essas docentes não sabem o real significado da palavra. Não mencionaram, num primeiro momento, a afetividade em um contexto mais amplo como relata a coordenadora Liberdade, ou seja, como experiência também corporal, sendo esta consciente ou inconsciente nos corpos de cada sujeito, como bem aponta Paulo Freire (2015), isto é, um saber com o corpo inteiro, com os sentimentos e emoções e nas relações conscientes na medida em que se compreende o mundo ao construir-se historicamente no mundo e na interação com ele.

> A afetividade trata do emocional, do afeto que se sente pelo outro, a relação com o outro, a afetividade entre as pessoas (PROFESSORA SOLIDARIEDADE).

> Afetividade envolve o emocional, vai além de um carinho, um toque, uma palavra, um olhar, um afeto (PROFESSORA RESPEITO).

> Eu entendo que a afetividade são os sentimentos, que envolve relações, sentimentos, as relações humanas (PROFESSORA ESPERANÇA).

> Eu entendo que a afetividade faz parte de uma dimensão psicológica, mas acho que talvez seja mais do que isso porque tem uma questão que nós sentimos no nosso corpo as modificações emocionais que a gente tem, então aí é também biofisiológica, por causa dessa relação da gente sentir no corpo todas as questões emocionais. Mas ao mesmo tempo, eu entendo também que a afetividade, ela é um tanto subjetiva e aí eu acho que a gente pode pensar que ela pode ser mais ou menos consciente em cada indivíduo (COORDENADORA LIBERDADE).

Ao pensarem sobre a afetividade nas relações cotidianas entre elas e a coordenadora, as professoras fizeram um comparativo entre a coordenadora anterior e a Liberdade, identificando em muitos momentos, na anterior, a falta do diálogo. A professora Generosidade, no desenrolar da entrevista, começa a destacar pontos positivos e negativos como partes da afetividade. Ainda destaca que os conflitos eram constantes e percebe estes apenas como negativos.

Sobre as relações entre as profissionais no cotidiano, vale ressaltar a fala da professora Esperança: “Com a coordenadora anterior nós não tínhamos uma relação boa, já a nova é uma pessoa aberta ao diálogo e com ideias

inovadoras. Quando as relações não são boas até nossa saúde fica prejudicada".

Assim, todas fizeram um comparativo entre a coordenadora anterior e a Liberdade, destacando que a relação que tinham antes era pesada, sem respeito, sem empatia, sem cuidado, que as afetava de maneira negativa. A coordenadora anterior tinha um aspecto mais autoritário, impositivo, com falas grosseiras e abusivas para com todos, não só para com as professoras. Sobre isso, a professora Respeito disse que "trabalhava nervosa".

Segundo Freire (2015), os sujeitos presentes na escola precisam repensar suas relações entre corpo consciente e mundo ao conhecer mais sobre si, mais consciente da sua postura e a dos outros, buscando mudar a perspectiva dos sujeitos sobre o que é ensinar, aprender e conhecer.

Sobre o diálogo a professora ALEGRIA aponta que:

> [...] é preciso um consenso e uma gestão, um trio diretora/assistente de direção/coordenadora que também tenha uma abertura para o diálogo, também um consenso nas informações, comunicação. A coordenadora anterior não ia buscar muito as necessidades, ela trazia muitas coisas do pessoal e isso atrapalhava o trabalho como um todo. Quando tínhamos uma demanda do interesse dela, por exemplo, ela estudava as questões de inclusão e quando tínhamos algum caso assim ela tinha um pouco mais de prontidão, se interessava, mas também colocava o ponto de vista dela, que era bem distorcido e não havia diálogo. Já a nova coordenadora tenta ouvir mais o grupo, é mais participativa e tenta da melhor maneira possível suprir as nossas necessidades (PROFESSORA ALEGRIA).

As professoras evidenciam a falta de diálogo entre o grupo gestor, principalmente, na gestão da coordenadora anterior, Liberdade, em que o diálogo não era conduzido, articulado e nem proposto, revelando uma postura autoritária. Segundo Freire (2015), é imoral silenciar as vozes dos indivíduos, os conflitos são necessários para se encontrar com a consciência, e, dentro de um espaço educacional, é primordial que se encontrem espaços para que as vozes sejam ouvidas.

Freire (2015, 2017b) afirma que o diálogo é elemento de colaboração, construído e exercido em conjunto com os indivíduos e não feito por imposição, e necessidade primeira nas relações com o outro.

As professoras Respeito e Esperança trouxeram para a entrevista a categoria conflito. A primeira em uma perspectiva negativa e a segunda, positiva. Porém ambas não perceberam que os conflitos também fazem parte da afetividade, como observado no RCNEI (1998): a explicitação dos conflitos subentende respeito aos sujeitos. Freire (2015) também identifica os conflitos como característica humana e mediadores da consciência.

Conversando com a professora Generosidade, percebemos que ela hesitava em alguns momentos de sua fala, como se não quisesse ou não conseguisse expressar tudo o que sentia, até então, com essas perguntas, por isso sentimos necessidade de provocá-la com outra pergunta: Como era o clima de trabalho com a coordenadora anterior e com a nova?

> Com a coordenadora anterior eu sempre senti um clima pesado, mesmo nos encontros casuais, como no corredor ou no momento de ir tomar uma água, como se algo sempre estivesse para explodir, porque a instabilidade emocional dela atingia todo o grupo. Em vez de ela agregar, ela acabava distanciando as pessoas e todos se exaltavam. Ela tinha um perfil de se exaltar e acabava descompensando as pessoas que demonstravam um controle emocional maior, já as que eram mais instáveis se alteravam

> sempre, ela tinha a capacidade de instabilizar todo mundo. A nova coordenadora, para mim, é mais leve, mais tranquila. Eu achava que tinha alguma coisinha no ar, mesmo sendo positivo ela olhar no olho, não gritar, mostrar caminhos, para mim faz um bem tremendo. Mesmo às vezes vendo que as discussões, algumas, já tinham resposta pronta, mas ela tinha uma condução mais tranquila, acolhedora, atenciosa, mediadora. Ela sempre tenta passar uma sensação de tranquilidade. As sensações de estresse que vivemos nos últimos três anos, na pré-aula, que era o PEA, também foi negativo para as crianças, pois começávamos a trabalhar sem sorriso no rosto, sem ânimo (PROFESSORA GENEROSIDADE).

Com essa fala, a professora registra como a afetividade se apresenta nas relações cotidianas entre professoras e coordenadora pedagógica. A professora ainda destaca que, nos encontros informais, a presença da coordenadora Liberdade era agradável, demonstrando que já havia se estabelecido um vínculo entre elas. Segundo o RCNEI (1998), o vínculo é primordial na habilidade de ver o outro e característica básica do ser humano. Freire (2015, 2017a, 2017b) aponta que as relações entre os indivíduos, devem ser de diálogo em diferentes momentos, de respeito, de corpo presente e principalmente de um ouvir atento. Ao se estabelecer um diálogo, há de estabelecer também um vínculo com o outro.

Após as entrevistas, marcamos um dia para o encontro temático pautado em roda de conversa. Utilizamos como mote da discussão trechos dos livros de Paulo Freire contendo a temática afetividade; em seguida, apresentamos às participantes algumas respostas dadas por elas nas entrevistas iniciais. Cada participante do círculo recebeu, por escrito, falas anteriores, fizeram a leitura em voz alta e refletiram sobre o tema, e as outras participantes se posicionaram, concordando ou não com o que era lido.

Durante esse encontro, as professoras apontaram que, às vezes, não conseguiam considerar e entender os posicionamentos das coordenadoras.

> No CEI dá a impressão de que as coordenadoras não estão fazendo nada, na EMEF o trabalho parece mais efetivo, fica mais evidente. A coordenadora anterior trazia materiais, ela preparava o que ia ser discutido como uma aula, ela ficava muito tempo de porta fechada na sua sala, já a coordenadora Liberdade estava sempre disposta a ouvir, suas intervenções acontecem mais no dia a dia do que no material escrito a ser discutido no PEA (PROFESSORA GENEROSIDADE).

As outras professoras participantes concordaram com a fala, elogiando a postura da coordenadora antiga, com relação ao seu rigor com os documentos escritos, mas não à sua atuação cotidiana com as professoras, e concordaram que a coordenadora Liberdade tem dificuldade na devolutiva de documentos escritos como os semanários, mas tem participação ativa no cotidiano, sempre disposta a ouvir e auxiliar até mesmo na solicitação dos pais e encaminhamentos que eram necessários, como nos casos de crianças com doenças, comportamentos não esperados e/ou outras dificuldades.

Quando falávamos sobre a afetividade, ela estava presente; quando falávamos sobre o respeito, a coordenadora Liberdade demonstrava disposição em ouvir as professoras e também os outros funcionários.

> Lembro que a coordenadora Liberdade convidava todos os funcionários para participar de nossas reuniões pedagógicas e até mesmo nos dias em que fizemos greve, ela marcou um dia para nos encontrarmos na escola e falou com todos os

> funcionários, não só as professoras e o grupo da gestão (PROFESSORA SOLIDARIEDADE).

Ressaltamos essa postura acolhedora da coordenadora Liberdade, que, na fala das professoras, sempre estava disposta a dialogar e receber as pessoas, assim como os posicionamentos e/ou sugestões contrárias às que propunha.

A professora Respeito refletiu sobre uma questão diferente:

> Quando falamos de fazer diferente e/ou de pensar no outro, penso que uma parte do grupo valoriza uma prática democrática e um outro grupo defende a postura mais autoritária da coordenadora anterior. Assim, mesmo com uma coordenadora mais aberta e acolhedora, o grupo mais tradicional não estava disposto a fazer algumas mudanças, como no começo do ano que repensamos a adaptação das crianças com os pais, lembro que muitas não queriam aceitar essa ideia, tiveram muita resistência e foi preciso muita paciência, por parte da coordenadora Liberdade, que conversou e argumentou sobre a importância de acolher as crianças e os pais. E depois de muita discussão o grupo entrou em consenso e seguiu com a ideia de adaptação na primeira semana com os pais (PROFESSORA RESPEITO).

De um lado, um grupo que criticava a coordenadora anterior, mas, ao deparar com as motivações e sugestões mais abertas e democráticas da coordenadora Liberdade, teve grande resistência, demonstrando um perfil mais tradicional, e, de outro lado, um grupo com uma postura mais aberta e dinâmica, como a da coordenadora Liberdade.

Mais uma vez, pelas falas, podemos entender que algumas posturas das professoras eram reativas aos conflitos. Esse momento foi uma oportunidade de refletirem mais uma vez sobre o tema, mas também sobre suas práticas, posturas e pensamentos, com uma proposta de olhar para dentro e para fora, percebendo a diversidade dos sujeitos e suas construções.

CONCLUSÕES

Com as observações dessa dinâmica no CEI, as entrevistas e encontro com as professoras e coordenadora, verificamos que, inicialmente nas entrevistas, as professoras percebiam a afetividade somente em seu aspecto positivo. Durante o processo de discussão sobre o tema, elas identificaram que a afetividade se apresentava nas relações cotidianas entre elas de duas maneiras: uma mais autoritária e impositiva, e outra dialógica.

Nos encontros que proporcionaram reflexões sobre o tema, as professoras e a coordenadora concordaram que é preciso buscar entender suas subjetividades, suas singularidades em meio ao coletivo da comunidade escolar, pois o que o que vivenciamos, com o corpo inteiro, e às vezes uma postura, um olhar, um tom de voz, diz muito sobre a inclinação consciente ou inconsciente de compreensão de cada indivíduo sobre a afetividade.

Assim, entendemos que as relações entre as professoras e coordenadora são complexas, são imbricadas por um sistema educacional enraizado nas condutas opressoras e autoritárias, nas quais os corpos inconscientes dos participantes da comunidade escolar podem refletir em conflitos sem resoluções, diálogos mal conduzidos e/ou ausentes, revelando a falta de preocupação e/ou percepção da afetividade como um todo. A afetividade que, nas emoções e sentimentos gerados e compartilhados entre os sujeitos, caracterizamos e entendemos na pesquisa como diálogo, respeito, cuidado, frustração, medo, anseios, preocupação.

Vale ressaltar que a construção histórica da Educação Infantil foi, e ainda é, repleta de muitos conflitos, alguns já resolvidos e ultrapassados, que apontam para novas perspectivas, desde a mudança do cargo de auxiliar de educação até a obrigatoriedade do ensino superior exigido para os profissionais do magistério, alguns que indicam retrocessos.

Ainda podemos destacar que nos documentos oficiais que regem a Educação Infantil, o termo *afetividade* aparece muitas vezes, não com uma definição específica, mas

contemplando os sentimentos e as emoções, não só das crianças, mas de todos os profissionais envolvidos na Educação Infantil. Essa categoria é parte integrante dos seres humanos e, portanto, fundamental na construção de uma educação voltada para humanização, solidariedade, respeito, humildade e amorosidade, temas tão abordados e discutidos também por Paulo Freire. Entendemos que esses documentos poderiam ser revisitados e reformulados aprofundando essa questão, considerando seus agentes fundamentais na sua discussão, construção e reformulação, pois são referências para esse segmento educacional.

A participação da coordenadora foi reveladora, pois em suas falas foi possível pensar como é estar do outro lado, revelando os desafios e complexidades em assumir este papel, evidenciando ainda, que as percepções possíveis são inúmeras e distintas, pois vai depender do sujeito que se encontra em construção.

Ainda pensando nos momentos cotidianos no CEI, entendemos que muitas tensões estão postas nesse ambiente, seja por questões e ou decisões hierarquizadas pela Secretaria de Educação ou mesmo, em alguns momentos, da própria gestão escolar, apontando que o trio gestor também precisa dialogar entre si, pensar e repensar suas ações e posturas frente ao corpo docente.

A pesquisa também apontou o quão importante é o movimento de ação-reflexão-ação nas tomadas de decisões e ações da coordenadora mediante o grupo docente, que, ao mesmo tempo e o tempo todo, necessita lidar com seus sentimentos e os do grupo. A coordenação é um cargo desafiador porque esse profissional precisa exercer sua liderança, mas deve estar atento ao olhar e a escuta do outro, sempre buscando entender a subjetividade dos sujeitos e as complexidades sociais que interferem nas escolhas e discussões diárias, principalmente nos momentos de conflitos e tensões, que são parte integrante do processo de mudanças. Em conjunto com os gestores e o corpo docente, busca estratégias para não suprimir o diálogo entre os sujeitos, a fim de entender as questões positivas e negativas que afetam e constroem a identidade da unidade escolar.

A afetividade está presente nas relações cotidianas entre as profissionais da educação e, nesse processo de ação-reflexão-ação, percebendo e considerando a afetividade nas relações entre elas, há a possibilidade de construir um ambiente de trabalho mais qualitativo, equilibrado e sensível às necessidades, não só do corpo docente e gestores, mas a todos os envolvidos no processo educativo.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 1, 2, 3.

FREIRE, Madalena. **Educador, educa a dor**. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 2017a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2017b.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz & Terra, 1967.

GOELZER, Juliana. **O diálogo e a afetividade no contexto da educação infantil:** as "pessoas grandes" dizendo a sua palavra. 2014. 229f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Santa Maria, 2014.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: E.P.U., 2014.

PIGATTO, Carolina Zasso. **Vínculos afetivos na educação infantil:** desafios na auto(trans)formação permanente de professores**.** 2016. 200f. Dissertação **(**Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.